

CREIO NA VIDA ETERNA

Para os cristãos, a vida terrena é o tempo oportuno para aceitar ou rejeitar a graça divina, que se manifestou em Jesus Cristo, o qual *«destruiu a morte e irradiou vida e imortalidade»* (Cf. 1Tim 1,10).

A vida eterna é aquela condição de vida, à qual se acede mediante o acontecimento da morte: *«O cristão, que une a sua própria morte à de Jesus, encara a morte como chegada até junto dele, como entrada na vida eterna»* (CIC 1020).

O Novo Testamento fala principalmente do juízo, encontro final com Cristo, em ocasião da sua segunda vinda; mas, fala também do juízo particular, que acontece logo a seguir a morte, em que cada um é julgado segundo as suas obras e a sua fé. O autor da Carta aos Hebreus afirma: *«assim está determinado que os homens morram uma só vez e depois há lugar o julgamento»* (Hb 9,27). O destino final não é igual para todos, pois depende das obras e da fidelidade a Cristo de cada alma.

A parábola do pobre Lázaro (Lc 16,22), por exemplo afirma que *«o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão»* (Paraíso); o rico também morreu e caiu nos tormentos (o Inferno). Entre os dois estados de vida existe um abismo insuperável: *«de modo que, se alguém pretendesse passar daqui para junto de vós, não poderia fazê-lo, nem tão-pouco vir daí para junto de nós»*. Com morte, portanto, entra-se num estado de vida definitivo.

Jesus crucificado prometeu ao bom ladrão o Paraíso: *«Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso»* (Lc 23,43); e, também, de forma geral, alertou: *«Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida»* (Mt 16,27).

A vida terrena prepara a vida eterna:

«Enquanto permanecemos neste corpo, vivemos exilados, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não visão clara ... preferimos exilar-nos do corpo, para irmos morar junto do Senhor, de facto, todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba conforme aquilo que fez de bem ou de mal, enquanto estava no corpo» (cf. 2Cor 5,8; Mt 16,26)

Ao morrer, cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular que põe a sua vida em referência a Cristo, quer através duma purificação (o Purgatório), quer para entrar imediatamente na felicidade do céu (o Paraíso), quer para se condenar imediatamente para sempre (o Inferno). (cf. CIC 1022)

O que Deus deseja fortemente para cada um dos seus filhos é o que nós chamamos Céu, que é a realização mais profunda das aspirações do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva: *«comunhão de vida perfeita com a Santíssima*

Trindade, com a Virgem Maria, com os anjos e todos os bem-aventurados» chama-se «céu». (CIC 1024)

A morte põe termo à vida terrena, mas a vida continua para além da morte: depois da morte, já não podemos morrer, *pois, somos como os anjos* (cf. Lc 20,36).

A salvação eterna do Céu é para todos os homens, mesmo para os não crentes. Também eles, de facto, podem viver uma vida segundo o coração de Deus, mesmos ser terem conhecido a revelação de Cristo:

Aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja e mesmo assim, procuram a Deus com coração sincero e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a sua vontade, manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna. (Lumen Gentium, n. 16)

A vida terrena é o tempo oportuno de «merecer» afim de alcançarmos a salvação eterna. A morte constitui o limite preciso e insuperável, depois do qual há o juízo particular e a retribuição imediata, conforme as obras e a fé que cada um foi capaz de viver ou de transcurar:

«Ao morrer, cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular que põe a sua vida em referência a Cristo, quer através duma purificação, quer para entrar na felicidade do céu, quer para se condenar imediatamente para sempre»

Para evitar que tal avaliação se reduza a uma simples equação matemática, o Catecismo cita o pensamento de São João da Cruz: *«ao entardecer desta vida, examinar-te-ão no amor»* (CIC, n. 1022).

O pensamento da vida eterna, como estado definitivo, pode alimentar ansiedade e pessimismo, por isso, o autor da Carta aos Hebreus, com cuidado, acende uma luz de esperança, interpretando a morte não como sendo o fim, mas o momento da libertação definitiva:

«Tal como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Ele partilhou a condição deles, a fim de destruir, pela sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é o diabo, e libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão. (Heb 2,1415)

A esperança da vida eterna vence o medo da morte. Não se trata de um estágio evolutivo em o homem gradualmente se liberta da mortalidade, mas de uma passagem para a dimensão da eternidade que tem um fundamento seguro: a morte e a ressurreição de Cristo. Jesus Cristo dá-nos a certeza de que o amor vence a morte. Esta esperança sólida porque ensina que o Juízo Final será a avaliação de quanto nos deixámos amar e de quanto fomos capazes de amar.

- Cf. Roberto PASOLINI, *A vida eterna*, Ed. Paulinas 2025, pp. 7-11

- Catecismo da igreja Católica, Artigo 12, *Creio na vida eterna*.